Ano II — Lisboa, 1 de Agosto de 1946 — N.º 16

SEMPRE PRONTO

NÚMERO AVULSO 1$00
Assinaturas de 8 números... 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactores
Manuel António Palma
Joel Ribeiro

Propriedade do Grupo N.º 94 dos Escoteiros de Portugal

MENSÁRIO

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

ESCOTISMO DA BÉLGICA

Existem na Bélgica diversas associações escotistas. A *Federação Belga do Escotismo* agrupa as associações masculinas, a saber: os escoteiros católicos franceses e flamengos e os B. S. B. *(Boy Scouts de Belgique)* associação neutra.

As associações femininas *(Guides Catholiques* e *Girl Guides de Belgique)* estão reunidas num «Comité» Nacional. Todos estes movimentos existem desde há 25 anos e são membros das associações mundiais. A ocupação da Bélgica pelo exército alemão em 1940 provocou um grande êxodo para a França e Inglaterra, tendo o escotismo sofrido grandemente; os chefes foram para o exército, as escolas encerradas, as crianças dispersas, as famílias vivendo no sofrimento e na saudade. No entretanto, os grupos trabalhavam em primeiro lugar nos postos de socorros, nas cantinas e nos *foyers;* os escoteiros e as guias serviram tanto quanto lhes foi possível.

Após o regresso, os grupos reformaram-se como puderam, mas faltavam chefes, contactos, e os dirigentes não sabiam qual seria a atitude da autoridade ocupante.

No mês de Abril de 1941, sobre a ameaça da apreensão do material, das listas dos membros e de submissão às exigências dos alemães, o escotismo tomou uma atitude neutra; as associações foram suprimidas, o uniforme interdito e os pais advertidos do perigo que corriam os filhos. Foram promulgadas proibições numerosas: proibição de acampar, de reunir, de se dedicar a ocupações paramilitares, como jogos de aproximação, morse, proibição de fazer cartografia, sinalização, etc.

Isto poderia ser o fim — e foi o princípio da resistência e da vida difícil. Apesar de tudo os chefes decidiram reunir, tendo os jovens autorização dos pais, e a organização mudou totalmente. O material foi disperso nas casas amigas, as listas foram destruídas.

Cada grupo, cada secção organizou sua vida. Faltava um pretexto de existência, que se encontrou nos Grupos da Cruz Vermelha, nas Fraternais Escolares, nas Secções do *Touring-club*, nas associações desportivas, botânicas, etc. De resto, o trabalho em patrulha, muito vital, permitiu continuar muitas actividades.

Assim viveu o Escotismo Belga três anos, sem uniforme e sem insígnias, como igualmente na França, na Holanda e noutros países. As actividades principais foram socorros, canções, trabalhos manuais, arte dramática, técnica de interior e ginástica. Houve episódios trágicos e outros ridículos, prisões, desentendimentos, imprudências. Mas cada um permaneceu escoteiro apesar de tudo, e fez-se sempre do **serviço** a actividade principal.

Equipas de socorros nos bombardeamentos, desaterros, ambulâncias, transportes para crianças — planos de jogos, sopas populares, creches, serviços familiares para raparigas, etc.

Muitos esforços e sacrifícios — o escotismo belga perdeu muitos dos seus membros em serviço, na Resistência e mesmo na frente aliada.

Depois da libertação os escoteiros e as guias belgas são mais numerosos e mais fortes; tomaram novamente o uniforme e regressaram às actividades normais, mas a guerra deixou-os mais conscientes do seu dever e «sempre prontos».

S. C.

Esperanto e Escotismo

Com grande prazer tenho lido as informações sobre o renascente fervor dos nossos confrades que usam todos os meios para fazer progredir o nosso movimento.

A estes fervorosos lutadores pela paz eu quereria chamar a atenção sobre um actual campo de actividade cuja cuidadosa cultura trará absolutamente seus frutos. Refiro-me ao Escotismo. Os escoteiros vivem segundo os seus dez mandamentos determinados pelo fundador do movimento «lord» Baden Powell. Conforme nos diz o seu quarto mandamento todos os escoteiros prometeram «ser irmãos de todos os escoteiros».

Religião, diferenças rácicas ou sociais não separam os escoteiros, pelo contrário, une-os em amor fraternal a lei comum, a promessa solene, o fim comum que se define assim: a mais nobre, fraternal e humana convivência dos povos. Para pôr em prática esta fraternidade, os escoteiros organizam todos os quadriénios um acampamento mundial a que chamam «Jamboree».

Estes «Jamborees» conseguem agrupar muitos mais comparticipantes que os congressos esperantistas, porém, ao contrário destes, os seus componentes lutam com um grave problema: o linguístico.

No verão de 1947, realizar-se-á perto de Paris o primeiro «Jamboree» depois da guerra. Os nossos confrades (esperantistas) devíam começar já a trabalhar para conseguir novos alunos entre os escoteiros das suas regiões.

Segundo a nossa experiência, aprendem também com boa vontade aqueles que não tomarão parte no «Jamboree» se lhes mostrarmos os benefícios da permuta de correspondência. É de aconselhar aos neófitos que o sentido do seu quarto mandamento é irmão gémeo da nossa «interna ideo».

Esforcemo-nos para que entre os componentes do futuro «Jamboree» haja muitos escoteiros com a insí-

(Continua na 1.ª coluna da 2.ª página)

A propósito da Fraternal

ESCOTEIRO UM DIA...

O «*Sempre Pronto*» — que sempre leio com alegria — trouxe-me no seu último número algumas palavras do camarada João Trigueiros, que infatigàvelmente não cessa de lançar na *fogueira* da Causa algumas *achas* do seu entusiasmo. Não vou comentar as bem fundamentadas considerações daquele irmão-escoteiro porque um simples — *muito bem!* diz tudo.

Uma Fraternal de todos os Escoteiros de Portugal é uma iniciativa que pela sua amplitude dificilmente passaria de projecto e que, mesmo realizada, existiria sòmente onde estivesse a sua Direcção. A solução, portanto, consiste em constituir os núcleos locais. Mas, mesmo em Lisboa, a Fraternal pode e deve ser constituída por núcleos de antigos elementos de cada grupo. Longe de desagregar, tal dispersão serviria para congregar esforços. Nós, antigos escoteiros, recordamos com saudade o tempo que passámos nas fileiras do Escotismo, mas prendem-nos particulares recordações ao Grupo onde pertencemos. Como eu desejaria ainda ver reunidos os antigos camaradas do meu Grupo — **o UM** — que só por si tem elementos suficientes para justificar a existência duma Fraternal. E que interessante seria se pudéssemos encontrar noutros dois núcleos-irmãos os antigos camaradas de jogos e disputas dos Grupos Dois e Três!

Mas isto não deve ser sòmente um sonho. Sentimos necessidade de confraternizar com os nossos amigos da juventude e precisamos de estimular os escoteiros de hoje, que bem carecem do nosso patrocínio.

E nós, antigos escoteiros *alfacinhas*, precisamos ainda de mostrar aos camaradas da província que também somos capazes de alguma coisa.

LIMA REIS

Esperanto e Escotismo

(Continuação da 1.ª página)

gnia do Esperanto e esperamos que os esperantistas de todo o mundo nos auxiliem com todos os seus esforços. Visitem os chefes dos grupos das vossas regiões, enviem artigos às revistas locais destinadas à juventude ou aos escoteiros, organizem cursos, etc.

Consideremos os próximos doze meses o «ano do escotismo» e verificaremos que após o «Jamboree», no outono de 1947, teremos maior número de entusiastas lutadores nas fileiras dos nossos irmãos-escoteiros.

Um irmão-escoteiro checoslovaco

(Traduzido por Faustino Leitão, da revista esperantista "Esperanto Internacia".

FILATELIA

Os selos que devemos rejeitar

Não sabemos se os nossos leitores filatelistas já possuem as charneiras para darem início à colocação dos selos nos albuns.

Como principiantes devem, por agora, improvisar os albuns, fazendo-os de papel liso ou quadriculado, conforme gostarem mais e julgarem melhor.

Temos, porém, uma prevenção a fazer: nem todos os selos estão em condições de serem coleccionados, por se encontrarem defeituosos ou rasgados, o que lhes diminui o valor, muitas vezes totalmente.

Estão nestas condições os selos:

a) Que não tenham o denteado completo (1);
b) Carimbados fortemente, ou com nódoas de gordura, provenientes da marca do carimbo;
c) Manchados;
d) Com *adelgaçamento* (2);
e) Amarrotados ou com vincos;
f) Perfurados (3);
g) Mal centrados;
h) Com cortes;
i) Incompletos (4).

São estes os defeitos que depreciam os selos. Os exemplares nestas circunstâncias não devem ser admitidos nas nossas colecções, nem fixados nos albuns, exceptuando-se os selos raros, cuja substituição seja impossível ou, pelo menos, difícil, e cujo estado seja satisfatório.

J. R.

(1) Há selos emitidos sem denteado, completamente ou em parte. Estes não devem ser recusados. Reconhecem-se por terem uma cercadura mais larga que os denteados.

(2) *Adelgaçamento*: os exemplares adelgaçados são os que sofreram uma diminuição na espessura ao serem arrancados do papel do sobrescrito de origem, ou ao retirar-lhes a charneira, com menor cuidado. O adelgaçamento reconhece-se, expondo-se o exemplar contra a luz, pois os seus raios atravessam mais fàcilmente os pontos menos espessos, apresentando-os como uma mancha mais clara. Este termo é muitas vezes substituído pela palavra francesa *amincissement*.

(3) *Perfuração:* é um picotado em forma de letras, efectuado por casas comerciais. Há, porém, perfurações oficiais em selos estrangeiros que não lhes tiram o valor, as quais vêm registadas nos catálogos.

(4) Existem selos compostos de duas partes: o corpo principal e a *bandeleta*, separados por um picotado à largura do selo. Os exemplares que tenham perdido a bandeleta ficam sem valor algum.

Permuta de selos—Agradecemos, reconhecidos, o lote de selos que o nosso estimado assinante Sr. Lima Reis nos ofereceu para permutar.

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.
Na Bolsa Cultural, Largo do Calvário, 25 e 26.

Fogo de Conselho

Os encantos de uma noite de verão só os compreende quem já passou uma das belas noites de Agosto nos campos sob o livre céu, nos montes, próximo de um rio ou junto dos moios colhidos. Misteriosamente, como lâmpadas, as estrelas brilham no silêncio nocturno. Se corre algum meteoro como que qualquer coisa se nos desprende da alma e vai atrás dele para o desconhecido. Ao longe nota-se uma ténue respiração, parecem-nos choro os pios das aves noctívagas. Majestosamente, aquele silêncio nocturno torna mais sensíveis os homens. E, se quiserdes aumentar o encanto duma noite assim, acendei uma fogueira. Junto dela contam-se com ingénua beleza as passagens do dia. Ali se ouvem magníficas descrições dos passeios ao campo, e as narrações sobre faunos e ninfas, decorrem com mistério e encanto.

Aquele dos nossos escoteiros que nunca se sentou a um fogo de conselho ainda não é escoteiro.

Aproveitai pois o vosso tempo livre para o viver na floresta, nos montes, nos campos. A Natureza é bela, gloriosa, e vós, seus filhos, reverenciai-vos ante a sua poderosa força e prodigalidade.

(Traduzido do Esperanto)

RECORTES

Palavras sempre oportunas

Não é fácil crer que em qualquer país do mundo a genial invenção de Baden-Powell tenha tido menos êxito e menos irradiação que em Portugal. Criada por um colonial, com intuito colonial, a benefício do maior império colonial do nosso tempo, a instituição dos *boy-scouts* conquistou a terra toda, como era de esperar no certíssimo tino pedagógico revelado na sua criação. Mas entre nós vegeta, esmagada entre a sucção das crianças pelos tentáculos do ensino livresco, e o medo ao ridículo, que assalta o portuguesinho valente, janota e fino, logo aí por alturas dos seis ou sete anos de idade. Mas, será ainda valente, o portuguesinho janota e fino?...

A pergunta aí fica, para entretenimento dos estudantes de costumes, queremos dizer: de maus costumes. Mas já concluiremos na fé de que talvez ainda valha a pena lutar.

Não se poderá, por exemplo, reunir um grupo de gente fina que ponha em moda, como coisa muito fina, o contacto dos rapazinhos finos ao ar livre?

O portuguesinho valente do futuro só acha fino, por enquanto, sirandar pelo Chiado, impedindo o trânsito, mal se apanha solto das aulas. E é possível que a sua futura valentia se esteja assim evaporando antes do tempo.

AGOSTINHO DE CAMPOS

Rev. António Pinto Ribeiro

Este nosso estimado amigo e digno Presidente da Direcção do Grupo n.º 53, embarcou no *João Belo*, em 14 de Junho findo, para Luanda, seguindo de avião para Leopoldoville, onde vai assistir a uma Conferência Missionária, devendo regressar a Portugal de avião. Fazemos votos de feliz viagem.

A CAVERNA DE AKELÁ

Meio minuto de conversa

Aos Lobitos de Portugal:

O «Sempre Pronto» dedica-vos, a partir de hoje, uma das suas Secções. «A Caverna de Akelá» vai procurar indicar-vos o caminho melhor, afim de que, amanhã, vocês possam ser perfeitos escoteiros.

O trabalho é difícil, mas confio no auxílio que todos me vão, decerto, prestar, confiando-me as suas impressões e apontando sugestões, para que esta secção, seja, de facto, de todos vocês.

Cá espero pois, os vossos postais e, enquanto eles não chegam, prometo esforçar-me cada vez mais para que «A Caverna» seja verdadeiramente «o melhor possível».

Vosso amigo

JOEL

O NOVO LOBITO DO BANDO AZUL

O Bando Azul estava agora completo; Vasco era o seu novo elemento.

O Fernando, que andava com ele na mesma escola, já por diversas vezes lhe havia dito:

--Porque não entras para a minha alcateia? Se soubesses como é interessante a vida na *selva!*...

Vasco, porém, hesitava e nunca dava uma resposta definitiva.

Os tempos passaram; Vasco e Fernando tornavam-se cada vez melhores companheiros.

Todos os dias Vasco ia a casa de Fernando e estudavam as suas lições em conjunto. Depois de cumpridos os seus deveres escolares, os dois amigos passavam o resto da tarde correndo e brincando, numa grande quinta que os pais de Fernando possuíam ao redor de sua casa. Muitas vezes sentavam-se perto de uma fonte, à sombra de um castanheiro e aí conversavam animadamente. Fernando aproveitava, quase sempre, esses momentos de palestra, para falar dos lobitos do seu bando, e narrava muitas das aventuras que gozavam em companhia de Akelá, o velho lobo, chefe dos lobitos. Outras vezes a conversa incidia sobre a vida de Maugli, o menino que vivia no país dos lobos—a selva.

Assim, Vasco sentia cada vez um desejo mais forte por pertencer ao Bando Azul.

Os tempos passaram e, um dia, Fernando convidou-o para ir visitar a sede da alcateia.

Assim aconteceu. E no dia combinado os dois amigos dirigiram-se para a *caverna* dos lobitos.

Quando chegaram, os outros lobitos já se encontravam em pleno *Conselho;* uns rastejavam pelo chão dando gritos selvagens, enquanto outros cantavam. Fernando explicou-lhe que estavam representando a dança de Baguirá, a pantera negra. A princípio não percebeu o que significava aquele nome tão esquisito. Mas, depois de acabada a dança, os lobitos reuniram-se no *Círculo do Conselho* e então Akelá contou algumas passagens da vida de Maugli. Narrou as peripécias da caça, cujos segredos lhe ensinara a pantera Baguirá, um dos animais amigos do menino-lobo.

Vasco ouvia as palavras de Akelá enternecido. Como ele gostaria de aprender a ser forte, corajoso e esperto como Maugli; saber distinguir os animais bons dos maus e conhecer as manhas para se aproximar deles sem ser visto.

O Velho Lobo tinha dado por findas as suas instruções; os lobitos começavam a abandonar, um a um, a *Rocha do Conselho.* Fernando e Vasco, porém, antes de se retirarem foram admirar uma interessante colecção de folhas de plantas organizada por um dos lobitos. Havia outros que se dedicavam a trabalhos diferentes, como carpintaria e desenho ou exercitavam-se na prática de socorros, ginástica e sinalagem. Akelá ajudava-os e, por isso, os trabalhos saíam sempre perfeitos.

A caminho de casa, Vasco já não podia esconder o grande entusiasmo que sentia e não cessava de recordar os episódios da primeira lição de Akelá.

Fernando, que o vinha ouvindo atentamente, não deixou perder a oportunidade e perguntou-lhe:

— Vasco, gostaste de visitar o Bando Azul?

— Se gostei! — respondeu ele. —Como é linda a história de Maugli!

E não se cansava de apreciar a coragem e o saber do menino-lobo.

—Então,—continuou Fernando, —não gostavas de ser como Maugli, aprenderes, como ele, o segredo da selva? Akelá ensinar-te-ia a caçar e a maneira de te defenderes de Xiracã, o tigre terrível. Contar-te-ia as histórias da selva que só ele conhece... Porque não vens para o meu bando?

Vasco ficou radiante. Dentro de si sentia que lhe era impossível deixar de aceitar aquele convite. Foi com lágrimas de satisfação que respondeu:

— Fernando! Depois do que vi na alcateia, o meu maior desejo é ser também lobito. Para isso terei de enfrentar muitas dificuldades, mas, seguindo o exemplo de Maugli, não me intimidarei, e estou certo, hei-de vencer!

A alegria brilhava nos olhos dos dois companheiros. Por isso continuaram o caminho assobiando uma canção que tinham aprendido na reunião da alcateia...

A seguir: «Vasco, lobito pata-tenra».

O VII ACAMPAMENTO NACIONAL DO CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

No dia 9 do corrente é iniciado em Tomar, nas aprazíveis margens do Nabão, o VII Acampamento Nacional dos nossos irmãos-escutas.

Reina grande entusiasmo nas fileiras escutas, devendo fazer-se representar no VII todas as Regiões do C. N. E., inclusive as ilhas adjacentes.

O «*Sempre Pronto*» — que espera ter o prazer de visitar o grande acampamento — deseja o maior êxito aos camaradas do C. N. E.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Checoslováquia—O Movimento escotista na Checoslováquia sofreu grandemente durante a ocupação alemã. Muitos Chefes morreram nos campos de concentração, as suas propriedades, cujo valor excedia mais do que um milhão de dólares, foram confiscadas a favor das organizações nazis da juventude.

Antes da guerra havia na Checoslováquia 40.000 escoteiros. Hoje são 200.000 os membros da respectiva Associação.

A Associação dos Escoteiros do Canadá tem prestado apreciável auxílio aos escoteiros checoslovacos, tendo-lhes oferecido 15.000 manuais escotistas escritos na sua própria língua.

Hungria — Segundo a imprensa diária, em telegramas do dia 20 último de Budapeste, o Ministro do Interior húngaro, por pressão das autoridades militares de ocupação, dissolveu, entre outras organizações de juventude, a Associação dos Escoteiros Húngaros.

Acompanhamos, com simpatia, os nossos irmãos-escoteiros da Hungria que, certamente, continuarão reunidos em volta da bandeira da sua Pátria. Honra-nos saber que, em qualquer nação do mundo, os escoteiros se encontram sempre entre os primeiros patriotas. Assim aconteceu na França, na Polónia, na Bélgica, na Holanda, no Luxemburgo, na Noruega, na Dinamarca e está acontecendo na Hungria.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

D. Nuno Álvares Pereira e a Batalha de Aljubarrota

Pelo Prof. SÉRGIO MONTEIRO

Quem ler as crónicas do reinado de D. Fernando, encontra que no ano de 1373 veio para o Paço, como escudeiro, D. Nuno, filho do Prior do Crato, D. Álvaro Pereira. Tinha 13 anos, e era tão pequeno que não havia arnez que lhe servisse, lembrando-se então o Rei de mandar buscar um dos arnezes de seu irmão D. João, o Mestre de Aviz, que pouco mais velho era, e foi a própria Rainha D. Leonor Telles que lho vestiu.

Há na vida coincidências espantosas! O facto do primeiro arnez, de D. Nuno ter pertencido ao Mestre de Aviz parece que era o destino que ligava essas duas criaturas para que pela vida fora se encontrassem sempre juntos na hora de perigo, e ainda o facto de D. Leonor ter armado cavaleiro a D. Nuno, era a Providência que lhe fornecia as armas com que ela mais tarde seria combatida e derrotada. Viveu D. Nuno na corte até à morte do rei e quando D. Leonor quis aclamar rainha sua filha D. Beatriz, casada com o rei de Castela, afastou-se e foi com o Mestre de Aviz a quem se ligou para evitar que a independência de Portugal se perdesse, absorvida por Castela.

D. João de Castela não desistia dos seus direitos à coroa de Portugal, no que era apoiado por D. Leonor e seus partidários, mas a inabalável fé de D. Nuno levou-o à Batalha dos Atoleiros em 1384 em que venceu o próprio irmão D. Álvaro que tomara o partido contra Portugal.

D. Nuno Álvares Pereira personificava bem o espírito patriótico da sua época, valente como as armas, bom como um santo, era um cristão fervoroso, pois nunca deixava de orar antes das suas batalhas e colocava-se a si e aos seus homens debaixo da protecção Divina. Em 1384 D. João reuniu cortes em Coimbra e se o Dr. João das Regras foi um hábil causídico na defesa dos direitos do Mestre de Aviz, D. Nuno investido nas suas funções de Condestável fez estremecer os mais timoratos que se não pronunciavam a favor de D. João I e pode dizer-se afoitamente que foi D. Nuno que pôs a coroa na cabeça do rei de Portugal.

Mas o rei de Castela não desistia e com 30.000 homens invade Portugal, e D. João e D. Nuno apenas com 6.000 homens fazem-lhe frente em Aljubarrota, D. Nuno como Arcanjo exterminador, aparecia em todos os locais em que o perigo era eminente, lançando o terror e a desordem no inimigo.

Os actos de heroísmo praticados pelos portugueses causam assombro, o eco das façanhas repercute-se pelo Mundo tornando-nos venerados.

Se todos os actos de bravura praticados pelos portugueses sob a égide valiosa de D. Nuno Álvares Pereira são dignos de menção, foi sem dúvida a Batalha de Aljubarrota, pela sua grandiosidade, que lhe fez inscrever o seu nome em letras de ouro na História de Portugal, D. João de Castela foge vencido para Santarém, abandonando valiosos despojos entre eles, o célebre caldeirão das tropas, que ainda hoje existe no Mosteiro de Alcobaça.

Foi devido à Batalha de Aljubarrota que D. João mandou erigir o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, onde repousam os restos mortais, da sua mulher, D. Filipa de Lencastre e dos seus inclitos infantes.

Restabelecida finalmente a paz e consolidada a nossa independência, D. Nuno, a quem o rei de Portugal fizera Mordomo Mor do Paço e dera os condados de Barcelos, Ourém e Arraiolos, retirou-se para as suas terras entre Douro e Minho.

Quando organizada em 1415 por D. João I a expedição para a conquista de Ceuta, ainda ali o vamos encontrar ao lado do rei e dos filhos mais velhos combatendo os mouros.

Regressando a Portugal e achando-se viúvo resolve abandonar o Mundo. Funda o Mosteiro do Carmo e vestindo o hábito de Carmelita ali permacece o resto da vida até 1 de Novembro de 1431. A sua bondade era infinita e a sua caridade inesgotável, por isso a morte foi sentida por todos.

Ainda hoje, no antigo Convento do Carmo, actualmente Quartel da Guarda Nacional Republicana, se venera à entrada da porta das armas, o local onde foi a sua cela.

E agora a título de curiosidade transcrevo aqui o epitáfio primitivo que foi mandado gravar no seu túmulo:

NUN'ALVAREZ PEREIRA
CONDESTABRE DE PORTUGAL
JÁS AQUI DESTA MANEIRA
QUE FOI NA BATALHA REAL.
A MAIS INSIGNE BANDEIRA
CAPITÃO MUI VALOROSO
E POR TAL MUI CONHECIDO
O QUAL NUNCA FOI VENCIDO
MAS SEMPRE VITORIOSO
DOS INIMIGOS TEMIDO.

DO ALBUM DE UM VELHO LOBO

III

Por volta de 1940, quando o verão estava com vontade de despedir-se e com ele os domingos escotistas do ano, uma notícia sensacional veio pôr em sobressalto o coração e o espírito de mais de uma dúzia de elementos *sessentinos*. A A. E. P. ia organizar um grande acampamento, coincidindo com a Exposição do Mundo Português e convidava para ele o pessoal de todos os Grupos que lá se pudesse deslocar. O programa era tentador em extremo, com visitas a Museus e Parques e a efectivação próximo de Belém, facto importante naquela altura, visto a Exposição ser também em Belém.

Pois os *sessentinos* não haviam dito ainda a última palavra sobre o convite e cada um magicava na maneira mais económica de poder ir a Lisboa. Na noite em que se tratou desta magna questão saíram insatisfeitos da Sede, com os miolos em efervescência, e foram devanear um pouco para os bancos da praça do Marquês de Pombal, onde os disparatados e expontâneos alvitres começaram a ser ouvidos. Todos os meios de transporte foram verbalmente postos à prova, desde a bicicleta ao avião, sem que se chegasse a acordo, mas as oportunidades não deixavam de ser estudadas. A certo ponto, no capítulo das probabilidades, uma voz ecoou, soando maravilhosamente:—Então e os barcos da Cuf?

Convém esclarecer os camaradas desconhecedores do facto, de que Vila Real é ponto obrigatório de passagem para os cargueiros que, Guadiana acima, vão ao Pomarão buscar minério de S. Domingos, levando-o depois para Lisboa.

Como a hipótese formulada tinha muito de realizável, nessa mesma noite foi feita correspondência para Lisboa e dentro de dias já existiam esperanças de ida, que se avolumaram mais e mais, até chegarem a certeza. Íamos à capital a um acampamento com *A* grande e veríamos a Exposição dos Centenários. *Duma cajadada matávamos três coelhos* (passe a brincadeira para quem cumpre a 6.ª lei) e de forma inédita para a maior parte: um passeio de barco.

Os dias seguintes, até à data da partida, marcaram pela agitação e entusiasmo, compreensíveis até certo ponto se pensarmos na importância do acontecimento para os *pata-tenras* que nele tomavam parte. Cada barco recém-chegado era vítima de inúmeros olhares interrogativos e objecto de infindas

(Continua na 1.ª coluna da 5.ª página)

O CONCURSO DE 1946

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9— Ajuda

LISBOA

O «*Sempre Pronto*» oferece aos seus leitores um interessante Concurso, com valiosos prémios. Todos os nossos leitores podem concorrer, bastando para isso recortar o cupão publicado em cada número, responder à pergunta ou perguntas feitas, e enviá-las à nossa Redacção directamente ou por intermédio dos nossos Agentes e Delegados.

Ficarão habilitados aos prémios individuais todos os concorrentes com a totalidade das respostas certas. Além disso, podem indicar o número do grupo de escoteiros ou núcleo campista a que pertencem ou da sua simpatia, visto que não é necessário ser membro do grupo indicado, que ficará também habilitado aos importantes prémios colectivos.

Os prémios colectivos serão distribuídos aos grupos com maior número de concorrentes.

Os prémios individuais serão sorteados entre os concorrentes.

O concurso termina com o último número publicado no corrente ano.

42 prémios individuais 42 — **9 prémios colectivos 9**

INDIVIDUAIS

PRÉMIO «ANTERO LOPES»—Uma faca de mato sueca, oferta do conceituado estabelecimento de artigos de caça e campo, Antero Lopes, L.da, da Rua Eugénio dos Santos, 31 em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»—Um machado, com bainha e defesa de couro, oferta da reputada casa de artigos de campismo e correeiro, Vitorino de Sousa, L.da, da Rua dos Correeiros, 200 e 202 de Lisboa.

6 PRÉMIOS «DOMINGUEZ & LAVADINHO, L.da» — Seis caixas do óptimo papel de carta, de linho, «Alsacien», oferta daqueles importantes armazéns de papelarias na Rua da Assunção, n.º 83, em Lisboa.

PRÉMIO «ELECTRO BRILHANTE»—1 lanterna eléctrica com lentes de 3 cores. Oferta da conhecida casa fornecedora de todos os artigos para electricidade e rádio, «Electro-Brilhante» da Rua dos Fanqueiros, n.º 187.

PRÉMIO «BERTRAND»—A interessante e consagrada obra de Júlio Verne «A Ilha Misteriosa», em 3 volumes, oferta da importante editora Livraria Bertrand, da Rua Garrett, 74 em Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA» — Dois exemplares do livro «Guia de Campismo» de Chaves Mendes, a mais completa obra sobre campismo publicada em Portugal, oferta daquela casa editora da Rua Luz Soriano, 33 em Lisboa.

6 PRÉMIOS «BIBLIOTECA COSMOS»—Seis exemplares da novidade literária **«O Campismo na Vida Moderna»**. Oferta das reputadas Edições Cosmos, da Rua da Emenda, n.º 111, 2.º em Lisboa.

3 PRÉMIOS «EDITORA ARGOS»—Três volumes da colecção «História Maravilhosa»: Kemal Paxá, Amudsen, Masaniello, oferta das conceituadas Edições Argos, da Rua do Ferregial de Baixo, 31, 2.º Dt.º em Lisboa.

COLECTIVOS

1.º Prémio «VIEIRA CAMPOS»

UMA LINDA TENDA CANADIANA, ref. 102/1.208 S. de Lintex, do catálogo da casa Vieira Campos, da Rua da Prata, n.os 215 e 217, de Lisboa, oferta desta importante casa fornecedora de todos os artigos de campismo. Prémio de grande categoria, dada a excelente qualidade e perfeito acabamento da tenda.

2.º Prémio «SPRIL»

Um bom arco e três flexas, de óptimo fabrico, oferta da reputada casa de artigos desportivos SPRIL, da Rua do Loreto, 34, 2.º em Lisboa. Prémio valioso e de grande interesse para o desporto no campo. O «Tiro ao Arco» presta-se admiràvelmente para ser praticado em complemento do campismo.

3.º Prémio «CASA DO DESPORTO»

Uma bola para voleibol e respectivo saco de rede, oferta da conceituada «Casa do Desporto» da Rua da Madalena, n.º 196 em Lisboa, fornecedora de todos os artigos para desporto.

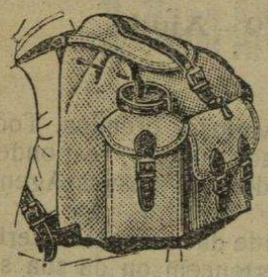
4.º a 9.º Prémios «SINO»

6 Prémios da óptima tinta «Sino»: 1 frasco n.º 5.013 (1 litro); 1 frasco n.º 5.054 (1/2 litro); 1 frasco n.º 1.505 (1/4 litro); 1 frasco tinta Estilográfica (1/8 litro); idem (1/16 litro); 1 frasco tinta carimbo. Oferta dos conceituados fabricantes A. Ferreira L.da da Rua da Junqueira, n.º 233 em Lisboa. Material útil a todos os grupos.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da» Uma bússola de bolso, oferta deste estabelecimento de artigos de precisão, Rua Eugénio dos Santos, 75 em Lisboa.

Não deixe de concorrer, demonstrando os seus conhecimentos, habilitando-se aos interessantes prémios, marcando a posição do Grupo da sua simpatia e habilitando-o, também, aos valiosos prémios colectivos.

Em Janeiro de 1947 o «*Sempre Pronto*» organizará uma festa onde será prestada homenagem aos Grupos vencedores do Concurso e aos Grupos Campeões da venda do jornal; serão distribuídos os prémios colectivos e individuais, e serão entregues diplomas a todos os concorrentes que tenham acertado em todas as respostas.



VITORINO DE SOUSA, L.DA

200, RUA DOS CORREEIROS, 202 / LISBOA

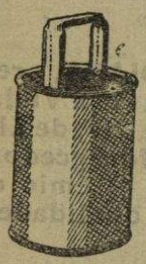
TELEFONE 2 7458



Fabricante de material de Campismo e bolas de Futebol e Voleibol



Não comprem • sem • consultar • os • nossos preços



DESCONTOS A GRUPOS DE ESCOTEIROS



TENDAS

E TUDO PARA

CAMPISMO



A CASA DA ESPECIALIDADE

Barracas Sombreiros

TENDAS e material de acampamento

TOLDOS

PARA ESTABELECIMENTOS / PRAIAS
JARDINS (montagens completas)
SOFÁS BALOIÇO

ENCERADOS PARA TODOS OS FINS

Fabrico — Aluguer — Venda — Reparação

VESTUÁRIO DE OLEADO

única pintura maleável e lubrificante

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TOLDOS E ENCERADOS

R. Vale de S.to António, 59-Telef. 25357-LISBOA



ORGANIZAÇÃO MAQUINEX, L.DA

TRAVESSA DAS PEDRAS NEGRAS, 1-3.º

TELEFONE

LISBOA

OFICINAS PRÓPRIAS PARA REPARAÇÕES

De máquinas de escrever, calcular e somar, manuais e eléctricas, duplicadores, etc.
De caixas registadoras de todas as marcas
De aparelhos de cinema amador, mudos e sonoros.
De toda a mecânica de precisão.

Contratos de limpeza e assistência técnica

CONSULTE-NOS SEMPRE ORÇAMENTOS GRÁTIS

Venda, compra e aluguer de máquinas de escritório

A maior e melhor organização do país

SECÇÃO TÉCNICA

Vida no Campo

Estamos em plena época de verão! Todos sentem o desejo de sair das cidades a caminho dos campos e, como o *campismo* está em moda, há muito quem compre ou fabrique uma tenda e vá de abalada para os sítios mais pitorescos. Uma vez aí, passada a noite com maior ou menor comodidade, surge a manhã e com ela um novo dia. O campista trata da sua higiene, cozinha a alimentação, e na grande maioria das vezes, passa o resto do dia de *barriga para o ar* à sombra de qualquer árvore. Ora devemos confessar que isto não é campismo, quer se trate de escoteiros, quer se trate de campistas.

Campismo é actividade educativa, cultural, sem ignorar o recreio e o descanso. Porque descanso não é ociosidade e esta não só não educa, como é *mãe de todos os vícios.*

Descanso, para nós que vivemos na cidade, é a mudança de ambiente, de actividade e até de distracção.

No campo o escoteiro deve estar sempre munido do seu caderno de apontamentos e lápis. A sua principal preocupação deve ser **observar.**

Na Natureza tudo é belo. A maravilha da criação revela-se tanto nas grandes coisas, nas estrelas, nas árvores, nos ríos, como nos insectos mais minúsculos ou nos vegetais mais modestos. Se o escoteiro (ou campista) tiver o seu espírito de observação bem apurado, poderá encontrar no estudo da vida dum único insecto ocupação útil e agradável para muitos dias de acampamento.

E se o escoteiro quiser dedicar-se a coleccionar insectos, plantas ou minerais, terá ocupação para actividade campista intensa para toda a sua vida. E devemos dizer que a vida de campo não se deve limitar ao verão. As três restantes estações do ano, especialmente o inverno, nos dias secos, e a primavera oferecem-nos dias lindos, mais agradáveis mesmo que os dias quentes do verão.

Não hesites, camarada, amigo do ar livre, vai para o campo só ou acompanhado, debruça-te sobre a Natureza, aproxima-te de Deus admirando a sua obra. **Observa.** Se foi um insecto que prendeu a tua atenção, estuda-o, analisa os seus hábitos, o local onde vive, de que se alimenta, como se reproduz. Desenha-o em todas as posições. Anota as suas cores. Se o quiseres estudar mais profundamente, constitui um pequeno viveiro, proporcionando-lhe, tanto quanto possível, as condições de ambiência em que ele vivia.

Nunca o maltrates. Por mais insignificante que te pareça é uma vida que o homem não seria capaz de produzir. Se verificares que esse insecto, ou outro qualquer animal, é nocivo, deves destruí-lo, mas sem o torturar. As tuas colecções poderão ser constituídas ùnicamente por desenhos, actividade mais artística. Mas em todo o caso, se quiseres fazer colecção, nunca captures mais que um exemplar de cada espécie. No entanto, o desenho tem sobre a colecção a grande vantagem de forçar a uma mais minuciosa observação.

Se for uma patrulha de escoteiros que, de cooperação, se lançar no estudo da Natureza, com perseverança e tempo, pode transformar o seu *canto de patrulha* num Museu que causará admiração de quantos o visitarem.

IMPRENSA

MENSÁRIO DAS CASAS DE POVO

Recebemos a visita do número primeiro desta interessante revista, órgão da Junta Central das Casas do Povo. De excelente aspecto gráfico e artístico, contém diversas secções, apresentadas de molde a instruir e recrear simultâneamente, todos os que de qualquer maneira, empregam a sua actividade nos trabalhos de lavoura.

O «*Sempre Pronto*» deseja longa vida ao novo colega e apresenta cumprimentos ao seu director, Sr. Mário Madeira, assim como aos seus colaboradores.

Do album de um velho lobo

(Continuação da 4.ª página)

perguntas, a martirizar orelhas que, transformando-se em bocas, nada saberiam dizer de concreto. Afinal, certa manhã em que um telegrama da véspera nos pusera de sobreaviso, afugentando o sono da respectiva noite, a fumaceira e o vulto do «Costeiro II» — naquele momento o mais belo navio do mundo e arredores — vieram dizer-nos que a partida era para esse dia.

O próximo recorte do nosso Album dirá o que foi a viagem e quais as impressões de chegada e estágio.

V. R. S. A.

LOBO DO ALGARVE



GRUPO N.º 84

Finalmente — Foi finalmente inaugurado no passado dia 28 de Julho, o edifício dos Paços do Concelho, onde ficaram instalados o quartel dos Bombeiros e a sede do nosso Grupo de Escoteiros. O Grupo n.º 84 foi convidado a tomar parte nos festejos, dos quais daremos mais amplas informações no próximo número.

XVII aniversário — No dia 23 de Junho, comemorando a passagem do aniversário deste Grupo, levou-se a efeito na nossa sede, uma reunião especial, tendo o Chefe dirigido algumas palavras aos escoteiros a propósito desta data.

As comemorações prosseguem no dia da inauguração do edifício da Câmara Municipal.

Concerto — No dia 31 de Junho, a nossa banda de música teve ocasião de oferecer, no Jardim Parque, mais um belo concerto a uma numerosa assistência, revelando o alto grau de perfeição atingido pelos componentes, mercê do esforço de todos e da boa-vontade do seu regente Sr. José Dionísio. Foram executados os seguintes números: «Mimoso», marcha de Pinto Ribeiro; «Le Portrait», *ouverture* de J. Mineiro; «El Carro del Sol», canção; «Fantasia para Bombardino», de J. Mineiro; «Sardana» da ópera «Garim» de Bretom; «Duchesse Gavotte», de F. Bechr; «Saudação a Mendariz», marcha de Pinto Ribeiro.

Desastres — Fracturou um pulso ao pretender pôr em movimento a hélice dum automóvel quando o reparava, o aspirante deste Grupo, Manuel Roda Polidoro.

O pequenito Miguel Carrilho Belo, de 4 anos de idade, filho do nosso assinante e antigo escoteiro Sr. José Maria Belo, foi colhido por uma pedra de mármore que, ao cair, lhe atingiu um pé, pelo que sofreu a amputação de três dedos.

Aos dois sinistrados, que se encontram em Lisboa, internados no Hospital de S. José, apresentamos os nossos votos de completo restabelecimento.

Casamento — Realizou-se no dia 15 de Julho p. p. o casamento do irmão-escoteiro Armando Godinho, filho do Sr. Carlos Godinho e irmão do escoteiro João Godinho, com a Sr.ª D. Maria Jacinta Rodrigues Horta, filha do Sr. João Horta e da Sr.ª D. Rosalina C. Horta, e irmã do nosso Delegado no Entroncamento Sr. Aníbal R. Horta e do escoteiro Alberto Horta.

Os noivos partiram no dia 18 para Lisboa e depois para o Norte, em viagem de núpcias.

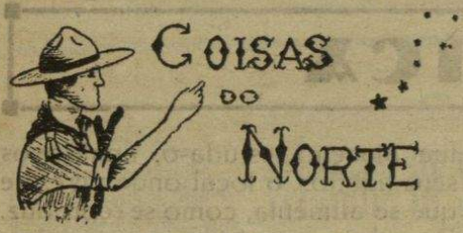
No dia 11, o noivo apresentou despedidas de solteiro a todos os escoteiros, numa sessão íntima efectuada na sede do grupo de escoteiros.

O «*Sempre*» *Pronto* deseja aos noivos as melhores venturas.

Caro leitor:

Interessa-te o SEMPRE PRONTO?

Propaga-o entre os teus amigos.



Caros irmãos-escoteiros:

O Norte tem novamente Chefe Regional! Sei quão contentes se devem sentir os Escoteiros do Norte, não só pelo facto de ter sido preenchido um cargo que muita falta fazia nesta Região, como por esse cargo ter sido ocupado por um velho Escoteiro, que ao nosso Movimento nunca negou o melhor do seu esforço, no desejo de bem alto levantar o Escotismo Português.

Esperamos agora iniciar uma nova fase de trabalhos e, para isso, mãos à obra Escoteiros do Norte.

NOTÍCIAS

Grupo n.º 4

Este Grupo, sob a direcção do seu novo Chefe e com a melhor colaboração de todos os seus elementos, tem trabalhado afanosamente, quer na preparação de novos elementos, quer no arranjo da sede. Sabemos que têm em vista inúmeros trabalhos, pelo que muito nos regozijamos e lhes damos os parabéns.

Também nos passados dias 13 e 14 acampou próximo da ponte da Pedra, com todos os seus elementos, tendo realizado bastantes trabalhos de campo e jogos que entusiasmaram todos os escoteiros.

Grupo n.º 15

Este Grupo, que vem desenvolvendo uma grande actividade, acampou nos passados dias 15 e 16 de Junho no lugar de Telheira. O 15, que teve um dia esplêndido, realizou inúmeros trabalhos e jogos, proporcionando a todos os escoteiros um acampamento agradabilíssimo, que por certo perdurará na lembrança de todos aqueles nossos amigos. De tarde foi o Grupo 15 visitado por elementos do Grupo 4.

Nos passados dias 13 e 14 de Julho deslocaram-se alguns elementos deste Grupo à Póvoa de Varzim dirigidos pelo Chefe de Administração Vidal dos Santos, sendo recebidos pelo Grupo do C. N. E. daquela localidade, com grandes manifestações de simpatia. O domingo foi passado em intenso convívio escotista, demonstrando assim as relações amigáveis dos referidos Grupos. Ao fim da tarde os elementos do 15 regressaram ao Porto.

Grupo n.º 44

Este Grupo tomou parte activa nos serviços de fiscalização no Sarau Beneficente realizado a favor das Creches de Santa Marinha no passado dia 1 de Junho.

Também nos passados dias 6 e 7 de Julho realizou mais um acampamento de preparação no Pinhal do Ruaz, em Gaia, o qual decorreu com óptimo aproveitamento.

Grupo n.º 91

No passado dia 10 de Junho, comemorou este Grupo o «Dia de Camões». Festa modesta, quase podendo dizer-se para a *gente da casa*, mas que constituiu motivo para exaltar e comemorar Camões o imortal autor dos Lusíadas. O Rev.º Armando Pereira Araújo, ladeado pelo Sr. Leonard Barnes e sua Ex.ma esposa, presidiram à sessão. O Rev.º Armando Araújo falou de Camões e dos seus poemas, tendo o Grupo cantado canções patrióticas alusivas à passagem daquela data. Seguidamente procedeu-se à aposição das distinções a alguns elementos do Grupo, tendo-se encerrado a modesta, mas patriótica festa, com «A Portuguesa», entoada por todos os presentes.

Em 14 do corrente, realizou este Grupo um interessante exercício para apurar a capacidade dos seus guias. Foi determinado pelo Chefe que os respectivos Guias montassem determinados campos, seguindo-se uma interessante prova de sinalagem. Este exercício agradou a todos os escoteiros, que mostraram o seu entusiasmo pela forma como decorreu.

OUTRAS NOTÍCIAS

Vilanovense F. C.

A convite deste Grupo, do concelho de Gaia, participaram na comemoração do seu XXXII Aniversário os Escoteiros dos Grupos 4, 15, 44 e 91.

Grupos n.os 15 e 91

De acordo com um programa estabelecido pelo Grupo 15, estes Grupos fizeram no passado dia 7 um interessante *raid* ao Monte Crasto. Os Grupos concentraram-se no Campo de 24 de Agosto e divididos em 3 partes, seguiram para o referido monte, pelo caminho mais longo, principiando assim um jogo que os levou todos ao ponto do destino. Após a refeição e descanso, procedeu-se a uma prova de sinalagem, em seguida à qual o Grupo 91 se retirou, visto a maior parte dos seus elementos terem de assistir a uma reunião para a qual há muito haviam sido convidados. O 15, ainda realizou uma prova de enfermagem e festa de campo, finda a qual regressou também, desfilando pela cidade.

JAGUAR BRANCO

DE CARCAVELOS

Grupo n.º 16

Este Grupo comemorou o seu 17.º aniversário tendo efectuado um acampamento nos arredores da Vila nos dias 13 e 14 de Junho p. p., no qual tomaram parte alguns escoteiros do Grupo n.º 17.

Uma simples cerimónia, na qual se procedeu à imposição de estrelas de assiduidade, serviu para comemorar o 17.º aniversário do 16.

O «*Sempre Pronto*» deseja as maiores prosperidades ao simpático Grupo de Carcavelos.

ALBANO DA SILVA

Por via aérea, em viagem de negócios, partiu em visita aos países nórdicos o Sr. Albano da Silva, antigo e dedicado dirigente escotista.

Este nosso amigo conta visitar e passar alguns dias nos *jamborees* que se estão realizando na Suécia e Dinamarca.

Fazemos votos de feliz viagem.

A Patrulha Búfalo

Folhetim do «Sempre Pronto» — Por R. K. E.

Na sede do Grupo

— Por duas vezes o vi na Avenida, disse o n.º 4, o que foi confirmado pelo n.º 6.

— Então, ordenou o Chefe voltando-se para o Guia, a Búfalo deve proceder a uma rigorosa observação da Avenida. Começam numa ponta e acabam na outra. As patrulhas Esquilo, Tigre e Águia ficam de prevenção. Eu aguardo as vossas notícias. O escoteiro n.º 8 que leve a bicicleta para nos trazer ràpidamente qualquer notícia.

Desvendando o mistério

A patrulha seguiu ràpidamente para a Avenida, tendo o Guia o cuidado de separar os escoteiros para não serem notados. Para reunir bastaria a transmissão da letra «S» Morse, por apito.

A Avenida passou, então, a ser cuidadosamente revistada.

Os automóveis mais uma vez mereceram particular atenção. Os cafés também foram observados. As ruas próximas igualmente. Tudo em vão. Não havia qualquer vestígio de Fred. O Guia, desanimado, dispunha-se já a dar o sinal combinado para reunir, quando, olhando para o chão, verificou admirado que mesmo aos seus pés se encontrava um grande risco a giz. Achou aquilo estranho. Olhou em volta, mas não viu qualquer outro sinal. Estava tão absorto que quase era atropelado por um automóvel.

Avançou mais alguns metros e nada. Ia desistir, mas, lembrando-se que o escoteiro era perseverante, prosseguiu. Mais alguns metros adiante novo traço de giz. Agora já corria e a distância semelhante encontrava novo traço. Não havia dúvida: era uma pista! Os três apitos cortaram o espaço e os escoteiros começaram a surgir. O Guia deu-lhes conta do achado e, entusiasmados, prosseguiram na descoberta. Ao fim duma centena de metros e depois de mais um traço, outro maior desviava a pista do centro da Avenida para junto do passeio. Aqui, quase tapado por um automóvel, encontraram o sinal de princípio de pista *e, mais ao lado, uma cabeça de búfalo com o n.º 3, a assinatura de Fred.*

O estafeta seguiu veloz a comunicar o achado, depois do Guia ter avisado que partiriam já na direcção da pista. Todavia, eram necessários os maiores cuidados. Sairia um escoteiro de cada vez. Na frente o Guia e em último o sub-guia, distanciando-se o máximo uns dos outros, mas sem se perderem de vista. A marcha prosseguiu a toda a pressa, tendo o sub-guia o cuidado de ir completando os sinais de pista. Caminhavam já há uma hora quando voltou o estafeta-ciclista. O Chefe mandava avisar que as patrulhas Esquilo, Tigre e Águia seguiam na direcção da pista e que as quatro patrulhas deveriam assegurar a comunicação com a sede por meio de transmissões sucessivas de Morse por luz, em combinação com uma patrulha ciclista que se encontrava nos termos da cidade. Recomendava ainda o Chefe que nada fosse feito sem sua ordem.

Era já completamente noite. Cada escoteiro preparou a sua lanterna eléctrica, afim de improvisar com ela a transmissão de Morse. O ciclista partiu com a informação de que se asseguraria a comunicação entre os escoteiros de todas as patrulhas transmitindo um traço sucessivamente do primeiro ao último escoteiro.

Apesar das lanternas focarem o chão, era agora difícil descobrir os traços. No entanto, o Guia lá ia tateando a estrada e parecia já não haver dúvida que os sinais acompanhavam um rodado de automóvel.

(CONTINUA)

ACAMPAMENTOS POPULARES

NOS DIAS 13 E 14 DE JULHO DE 1946

Em Rio de Mouro

Os campistas da capital estiveram em festa nos passados dias 13 e 14 de Julho: realizava-se em Rio de Mouro o «Acampamento Popular» de 1946. Por isso era vê-los, sábado à tarde, de mochila às costas, correrem para a estação do Rossio, afim de tomarem o comboio. Quando anoiteceu já se encontravam erguidas na Quinta de Santo António as tendas onde 1.043 campistas haviam de passar uma noite agradabilíssima. Mas, antes de se dirigirem para as suas barracas, os campistas e os escoteiros reuniram-se num amplo local, para celebrarem o *fogo de conselho* em que se ouviram as mais variadas canções, algumas executadas por conjuntos vocais e instrumentais, compostos exclusivamente por campistas. Foi representada uma pequena peça teatral, que foi ouvida com muito agrado. Às 23 horas prefixas, o Sr. Carlos Freire leu a «Mensagem Campista».

Chegou o domingo. Às 7 horas da manhã os campistas começaram a abrir as suas tendas, e, dentro em pouco, através de todo o recinto, havia de novo, vida e agitação.

O pequeno posto de rádio, privativo do acampamento, espalhava as mais diversas canções, que os acampados acompanhavam, cantando e assobiando.

O tanque-piscina desta propriedade, constituiu a principal atracção de toda a manhã; nadadores de todas as idades, cortavam as águas em todas as direcções.

Veio a tarde. Às 15 horas o prof. Francisco Gascon, do Ateneu, apresentou uma classe de ginástica, prendendo a atenção de toda a assistência, que, no fim, sublinhou a exibição com ruidosos aplausos.

Realizaram-se a seguir corridas de corta-mato e ciclistas que despertaram muito interesse e animação.

O representante de «*O Século*» distribuiu os prémios dos concursos de campo, que foram os seguintes:

Aos indivíduos que demonstrassem possuir melhor espírito campista e apresentassem superior conjunto de material: três prémios «Senso Campista». O primeiro lugar pertenceu a Álvaro Teixeira, do Grupo Excursionista Estrela;

Ao campista que apresentasse a mais curiosa e útil inovação no seu material: prémio «Inovação», conferido a Fernando Velez, do Grupo Campista Caldense, que apresentou um útil e prático armário de campo;

Ao possuidor do melhor galhardete individual: prémio «Galhardete», ganho por Tiago de Lima, do N. C. «Terra Nostra»;

A «aldeia» de melhor conjunto técnico-campista: prémio «Aldeia», adjudicado ao N. C. «Terra Nostra»;

Ao entardecer foi sorteado por todos os acampados, o prémio «Presença», constituído por um excelente saco-alpino, que coube à Sr.ª D. Maria José Dias, do Grupo Excursionista Estrela.

Ainda não foi conferido o prémio «Fotografia», que será entregue ao autor do melhor trabalho fotográfico sobre o acampamento.

Quando o Sol se escondia por trás da serra de Sintra, os campistas desarmaram as suas barracas e começaram a abandonar o acampamento, uns, satisfeitos, remirando os seus prémios, outros, alegres por terem gozado um dia agradável em contacto com a natureza.

* * *

O Grupo 9 dos Escoteiros de Portugal, instalou o serviço de saúde, que esteve a cargo do nosso amigo e assinante Sr. Manuel Brazuna dos Santos. Estiveram presentes delegados dos Grupos n.os 93 e 94.

O nosso jornal foi honrado com a escolha do seu Director para participar no júri que conferiu o prémio «Senso Campista».

Dirigiu o acampamento o Sr. César de Oliveira, presidente da Associação de Campismo de Lisboa.

E assim terminou o «Acampamento Popular» de 1946, uma feliz realização da Associação de Campismo de Lisboa e do jornal «*O Século*».

J. R.

No Porto

Na Quinta Formosa, a Vila Nova de Gaia, realizou a Associação de Campismo do Porto nos dias 13 e 14 um grande acampamento, no qual participaram muitos campistas do Porto, muitos deles assinantes do «*Sempre Pronto*». Tendo sido convidados pelo Presidente daquela Associação Sr. Noémio Lago, que se mostrou muito interessado numa estreita e boa camaradagem entre os Escoteiros e Campistas. Confessamo-nos agradecidos e esperamos dentro em breve podermos cooperar no sentido de existir entre campistas e escoteiros uma leal e franca camaradagem.

Às 11 horas da noite, foi lida junto do *fogo de conselho* a «Mensagem Campista».

JAGUAR BRANCO

Em Olhão

A Associação de Campismo de Faro, cujo presidente é o nosso camarada Escoteiro-Chefe Diplomado Sr. João Trigueiros, levou a efeito no dia 13 e 14 último no Pinhal Bivar, o «Acampamento Popular», onde estiveram presentes os grupos de escoteiros 6 e 77, de Olhão e Faro, respectivamente, e campistas de Faro, Loulé e Olhão.

Neste acampamento tivemos o prazer de receber a visita do Departamento de Olhão da D. A. F., da Sr.ª D. Zulmira Afincão, chefe da alcateia n.º 83 de Moscavide, do C. N. E.; do Sr. Dr. Luís Sabbo, Delegado no Algarve da Direcção Geral dos Desportos e do Sr. Dr. Luís Bernardino Silva.

Na noite de sábado, realizou-se o *fogo de conselho* no qual o nosso irmão-escoteiro Sr. Trigueiros leu diversas mensagens de grupos de escoteiros e campistas e, também, a «Mensagem Campista». O nosso camarada Sr. Manuel Leiria do Grupo 6, fez depois uma alocução onde enalteceu o valor do movimento escotista e solicitou a cooperação dos campistas para a criação de novos grupos de escoteiros nas localidades representadas. A seguir, os escoteiros do «6» fizeram-se ouvir em números de canto coral e recitativos.

O aspirante do «6», Libertário da Silva, prestou o seu compromisso de honra, cerimónia que impressionou todos os campistas presentes.

No domingo foi cumprido todo o programa previsto, do qual salientamos a sessão de camaradagem e propaganda, em que usaram da palavra muitos escoteiros e campistas que puseram em foco o valor educativo do Escotismo. Os campistas de Loulé ofereceram os seus esforços para a organização de um grupo de escoteiros naquela vila.

Esta jornada de propaganda escotista e campista terminou à noite com um novo *fogo de conselho*.

FRANCISCO MILITÃO DOS SANTOS

Em Vila Real de Santo António

Não podendo deslocar-se o Grupo 60 dos Escoteiros de Portugal ao «Acampamento Popular» de Olhão, acampou-se nos dias 13 e 14 de Julho na praia da Manta Rota com o seu efectivo máximo, juntamente com a Secção da D. A. F. e alguns campistas amigos e famílias dos escoteiros. No dia 13, à noite, realizou-se um pequeno *fogo de conselho* no qual foi lida, às 23 horas, pelo Chefe Campinas, vice-presidente da Associação de Campismo de Faro, a «Mensagem Campista», o *fogo* continuou com algumas canções do grupo de escoteiros.

No domingo de manhã disputaram-se provas de atletismo, constando de corridas de 100 e 60 metros, saltos de altura e em comprimento, etc. Depois de um esplêndido banho seguiu-se o almoço no pinhal.

À tarde, as membros da D. A F. apresentaram várias surpresas, que, além de contribuirem para o aumento dos seus fundos, nos proporcionaram uma divertida e encantadora tarde.

Na viagem de regresso, os escoteiros cantaram durante todo o trajecto canções e marchas escotistas, que provocaram interesse e admiração em todas as pessoas que viajavam no comboio.

LOBO DO GUADIANA

Na Curia

O Grupo Campista da Curia deu também a sua adesão ao «Acampamento Popular» efectuando um acampamento em Vale de Mó, nas faldas da Serra do Caramulo.

Na noite de sábado realizou o fogo do acampamento, ao qual assistiram alguns habitantes da aldeia. Foi lida a «Mensagem Campista» e o Sr. Paulo Ramalheira, nosso estimado assinante, num breve discurso referiu-se aos benefícios do Campismo.

LIVROS

«Os Três Heroismos»

A *Colecção Pinóquio da Biblioteca Infantil* «*Latina*», acaba de publicar o seu 9.º volume, contendo cinco interessantes contos do nosso estimado colaborador Sr. Manuel Ferreira.

A apresentação gráfica é excelente e, se é certo que abunda uma literatura infantil que, especulando o espírito aventureiro das crianças, apresenta historietas de assaltos, crimes e pugilato, que exercem uma influência perniciosa na educação infantil, os cinco contos reunidos neste volume recomendam-se pelo seu fundo educativo e moral.

As nossas felicitações, pois, ao nosso caro amigo Manuel Ferreira, extensivas ao Sr. Henrique Marques Júnior, director da colecção, e à empresa editora.

Almanaque do Povo

Em edição da Junta Central das Casas do Povo e do Secretariado Nacional de Informação publicou-se recentemente o «Almanaque do Povo para 1946», em artístico e interessante volume, muito ilustrado. Trata-se de uma publicação útil, fora dos moldes vulgares, tendo «por fim ensinar a aproveitar o tempo, e não a perdê-lo com a leitura de futilidades».

Dos seus capítulos destacam-se efemérides nacionais; calendário de trabalhos agrícolas; cronologia popular (este com um interessante estudo sobre os relógios do sol); meteorologia popular; indicações úteis sobre o Registo Civil; recenseamento militar. Legislação sobre Casas do Povo, normas de administração das mesmas e Cancioneiro Português. Este último capítulo é notável, ocupando-se da evolução da quadra popular desde o século XII até hoje.

Os nossos parabéns aos editores.

E. R.

MANUEL FERREIRA

Este nosso querido amigo e dedicado colaborador, acompanhado de sua esposa e gentil filhinha, embarcou no dia 23 último, a bordo do *Quanza*; com destino a Timor, onde vai ocupar um lugar no quadro do funcionalismo daquela nossa colónia.

Todos os que trabalham no «*Sempre Pronto*» desejam a melhor viagem ao camarada Manuel Ferreira e sua Ex.ma Família, com votos de muitas venturas.



Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Visita—Este grupo foi visitado nos dias 11, 12 e 13 de Junho p. p. pelas escoteiras belgas Suzanne Cornil e Ivette Bruyndonex a quem o «*Sempre Pronto*» se referiu no último número. À sua chegada a esta Vila, a Secção da D. A. F. local ofereceu-lhes, na sua sede, um «Porto de Honra», visitando depois os sítios mais pitorescos dos nossos arredores. Durante esses dois dias, todo o efectivo do Grupo acampou na mata, nas proximidades do farol com as nossas ilustres visitantes e a Secção da D. A. F., fazendo-se todas as noites interessantes «fogos de conselho» onde foram exibidas algumas danças belgas e flamengas, canções escotistas e um acto de variedades.

Actividades campistas—No dia 30 de Junho p. p. realizou este Grupo um pequeno acampamento no sítio dos «Três Pauzinhos», que decorreu animadamente.

Também no dia 7 p. p. o Grupo acampou no Cabeço, passando-se uma bela tarde naquele aprazível lugar.

LOBO DO GUADIANA

Grupo n.º 6 — Olhão

Reabriu no dia 16 o Curso de Aperfeiçoamento Escotista, após uma paralização de 4 meses, em virtude deste Grupo ter albergado na sua biblioteca, 34 sinistrados do ciclone de Dezembro.

Funciona no campo de ténis, gentilmente cedido pelo S. C. Olhanense, uma aula de ginástica sueca, dirigida pelo nosso camarada Sr. Francisco Pina.

Iniciou-se no passado dia 21, uma aula de natação, que inclui exercícios de salvamento e treino dos diversos estilos.—C.

Divisão Auxiliar Feminina — Olhão

Em 4 do corrente mês, na sede deste Departamento, realizou uma pequena festa comemorativa pela passagem do dia da sua patrona RAINHA SANTA ISABEL.

Pelas 22 horas reuniu-se na sede do Departamento o Grupo n.º 6 dos Escoteiros de Portugal, a Comissão de Patrocínio do mesmo grupo e todo o efectivo da D. A. F. local, tendo feito uso da palavra na sessão comemorativa, pelo Grupo n.º 6, o camarada Manuel Leiria, e, pela D. A. F., a chefe do Departamento Sr.ª D. Rosa Inácio Pina, e pela Equipa Flor-de-Lis a Sr.ª D. Mariana de Oliveira Leiria. Todos os oradores tiveram palavras de relevante espírito escotista e enalteceram as qualidades de carácter da Rainha Santa Isabel, recomendado a todas as componentes da D. A. F. de Olhão a não afrouxar no caminho encetado.

Seguiu-se a reafirmação geral do Compromisso de Honra e, para terminar, foi servido um chá de confraternização que decorreu em ambiente de franca camaradagem.

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

Falecimentos—Em 17 de Junho p. p. faleceu a Sr.ª D. Iria Bastos Afonso Craveiro, esposa do nosso estimado amigo e assinante Sr. Luciano Pavão Craveiro, antigo escoteiro do Grupo n.º 19, a quem apresentamos as nossas sentidas condolências.

—Após prolongado sofrimento, faleceu em 22 de Julho último, o Sr. Jaime César Pedroso Saphera Costa, ajudante técnico de farmácia, filho do nosso amigo Sr. Saphera Costa, da redacção do «*Diário de Notícias*», e cunhado do nosso redactor Sr. Henrique Alves de Azevedo.

Apresentamos sentidos pêsames a toda a família em crepes e, em particular, ao nosso camarada Alves de Azevedo.

Porque não tem progredido o Escotismo em Portugal?

Vários amigos e assinantes nos endereçaram os seus aplausos e concordância às considerações formuladas no Editorial do último número do «Sempre Pronto».

Agradecemos a todos estes amigos e a todos asseguramos que o «Sempre Pronto» *não deixará de velar pelos altos interesses do Escotismo, aplaudindo, quando houver motivos de aplauso, exercendo crítica sincera e leal, apontando erros quando os houver. O público escotista será juiz da nossa acção.*

Concurso de 1946

VI

Em que ano foi fundada a Associação dos Escoteiros de Portugal? .....

Na bússola, o *Norte* fica à direita ou à esquerda do *Norte Magnético?* .....

Nome do concorrente .....

..... *Grupo* .....

Morada .....

Localidade .....

..... *Data* .....

Recorte, preencha e remeta ao «*Sempre Pronto*».

Concurso de 1946

Chegando ao nosso conhecimento que muitos dos estimados leitores estão deixando de concorrer ao nosso CONCURSO para não terem que recortar o jornal, resolvemos, a partir do presente número, fornecer, a todos os concorrentes que assim o desejarem, e em troca do respectivo cupão, um segundo exemplar do jornal com o desconto de 50 % sobre o seu preço, ou seja a $50 cada número.

Dentro das nossas disponibilidades de exemplares atrasados, concederemos igual regalia para os números publicados.

Avisamos ainda que não serão concedidos prémios colectivos aos grupos que contarem menos de 10 concorrentes.

